Não quero enganar alguém. Quem procurar, aqui, a raiva e o «sangue» do futebol, o segredo devasso por detrás da cortina, a sujidade moral debaixo do tapete, o banquete interminável dos habituais vendilhões do templo, desiluda-se, desde já. Pode, até, desistir do resto do caminho. Este é um livro de homenagem ao futebol. Portanto, é uma obra que obriga a uma certa coragem de autor e a uma certa firmeza de carácter do leitor.

Bem sei que seria mais fácil e expectável ir na enxurrada que leva, de uma vez, o futebol e todo o seu povo. Trata-se, porém, de uma escolha consciente. Se alguém cavar uma trincheira, saibam, pois, que eu decido ficar do lado do futebol. Poderemos não ser muitos, mas trata-se de uma questão de gratidão e de comprometimento com muitas das emoções que também deram sentido à minha vida de quase cinquenta anos de jornalista.

Perdoem-me a imodéstia, mas já não tenho idade, nem paciência, para a humildade dos súbditos. Pretendo que este seja um livro realmente necessário para se contar a história do futebol português nestes últimos cinquenta anos. Afinal, uma das últimas oportunidades de quem teve o privilégio de estar por dentro, de ver e ouvir, para poder, agora, contar.

Há muitos livros sobre futebol. Os que falam das tácticas e dos sistemas de jogo, livros matemáticos, álgebras avançadas, geometrias complexas, desenhadas no espaço rectangular do jogo. Também há livros das ciências que alimentam, de força e resistência, a arte dos guerreiros da bola. Livros das ciências do treino, que passam pela fisiologia, medicina, química, antropologia, psicologia, nutricionismo, eu sei lá.

A minha história do futebol português é, porém, a dos homens que o marcaram neste último meio século e fizeram dele aquilo que de bom e de mau ele é. Diria, então, que se trata da história humana do futebol português. A que demonstra, como diria o professor Manuel Sérgio, que o futebol não existe sem o futebolista e, portanto, não existe sem o Homem.

É o Homem do futebol que me interessa e, por isso, é por ele e com ele que decidi contar esta história que nos fala do último meio século de crescimento do futebol em Portugal, tornando-o numa das áreas de maior sucesso internacional dos portugueses. Aquém e além-mar.

Por aqui irão desfilar protagonistas reconhecíveis do grande público, em especial do adepto do velho jogo bretão. Foram e são mediáticos dirigentes, treinadores de sucesso, futebolistas idolatrados. Alguns atingiram, apenas, uma dimensão nacional; outros foram e são estrelas de primeira grandeza, universais, das mais brilhantes que o mundo, alguma vez, viu.

De todas elas, conto histórias reais. Histórias inéditas que eu próprio vivi e testemunhei. Sei, portanto, do que falo e sei a razão de ter escolhido estas e não outras histórias. Escolhi-as com mil cuidados, porque pretendo que cada um dos episódios que relato ajude a fazer o retrato do homem, da sua personalidade e, diria até, da sua alma. Não para desvendar segredos de cada um, mas para os explicar.

Não será, garanto, um livro de ajustes de contas, um livro feito de vingança das feridas de guerra que durante todos estes anos também me foram infligidas. É um livro factual, mas intimista. Um livro de retratos de gente famosa. Não está toda a gente. Está quem eu consegui estar mais perto de poder fotografar.

A última história é uma homenagem ao adepto. Peguei na figura tutelar do presidente da República, também ele um adepto de futebol e, em especial, da Selecção Nacional. São, como as outras, histórias de vida, histórias reais e inéditas. Achei que era uma boa maneira de terminar este livro com afecto.

Alejandro Scopelli

Milagre no Dakota

Curiosa coincidência. A primeira grande viagem aérea do meu pai, como jornalista d'*A Bola*, tinha acontecido em 1963, entre Lisboa e Montreal, para acompanhar o Belenenses numa digressão de Verão à América do Norte. Dez anos depois, a minha primeira grande viagem aérea, como jornalista, então no *Diário Popular*, foi precisamente de Portugal para o Canadá (Toronto) e também para acompanhar uma digressão de Verão do Belenenses.

Por força de uma teimosia do Dr. Brás Medeiros, sportinguista furioso e, à altura, administrador do jornal, estive um mês inteirinho no Canadá e nos Estados Unidos a escrever crónicas diárias para o *Popular*. Tinha 21 anos, toda a gente estava viva, e o mundo inteiro era meu. Sentia-me deslumbrado com uma civilização de liberdade que nunca conhecera em Portugal. Vi o Último Tango em Paris num pequeno cinema de Toronto. O filme estava proibido em Portugal, por ofender os bons costumes do povo cristão. A mim não me ofendeu. Pelo contrário. Adorei a interpretação do Marlon Brando, então já longe do charme e da juventude que tinham feito dele, além de grande actor, um *sex symbol* de Hollywood. Brando parecia-se mais com um bisonte com cio, o que, aliás, me parecia justificável pelo esplendor selvagem da Maria Schneider, que muitos anos mais tarde viria a acusar o ídolo cinematográfico de a ter violado nas filmagens mais ousadas.

Porém, o que mais me impressionou foi poder ler nos jornais canadianos a história íntima e escabrosa do primeiro-ministro Pierre Trudeau. Tinha sido noticiada uma fugaz aventura da sua esposa com o mítico Mick Jagger, durante uma digressão dos Stones ao Canadá. Pouco tempo depois, num comício eleitoral, enquanto Trudeau falava à multidão, alguém, nas filas da frente, lhe chamou cornudo. O primeiro-ministro pareceu não ligar, manteve-se sereno e terminou o discurso. Depois, desceu do palanque, como se fosse conviver com os seus apoiantes, e deu um murro certeiro nos queixos do provocador. Foi julgado por agressão e condenado a pagar uma indemnização.

Pela primeira vez, compreendia, na prática, o que significava estar num país com liberdade de imprensa e a verdade é que não me parecia ser suportável regressar a Portugal e ao regime de censura que continuava a vigorar no país e asfixiava um povo, em maioria, acomodado e contentinho com a sua tão pobre vida.

O Belenenses continuava a fazer os seus joguinhos programados com equipas desinteressantes, formadas, em maioria, por futebolistas europeus na reforma. Aquelas digressões de Verão eram, no entanto, fundamentais para os clubes portugueses ganharem dinheiro no defeso do futebol, a única maneira de se financiarem para conseguirem pagar os ordenados dos seus jogadores.

Alejandro Scopelli, um argentino com grande história no futebol em Portugal e velho conhecedor dos segredos do jogo, era o treinador do Belenenses. Poderia ter vivido duzentos anos no nosso país, que continuaria a falar um português muito marcado pelo sotaque de Buenos Aires. Tinha sido contratado pelo major Batista da Silva, com quem fiz, aliás, a primeira grande entrevista para o jornal *A Bola*, com direito a chamada grande de primeira página, no ano de 1971, tinha eu a incrível idade de 19 anos. O major era um homem afável, com uma voz militar, tornara-se muito amigo do meu pai e eu conheci-o também fora dos terrenos de jogo, o que me deu a perspectiva de um homem firme, de grande seriedade e apaixonado pelo Belenenses. Muito à frente para um presidente do seu tempo, o major oferecera a Scopelli poderes alargados para mudar toda a estrutura do futebol belenense. Numa tarde de calor intenso e húmido, Scopelli foi confrontado com a possibilidade de a equipa dar um salto a New Bedford para defrontar o Vitória de Guimarães, que era treinado por Mário Wilson. O Vitória regressava de Vancouver e faria uma escala na Costa Leste dos Estados Unidos. O Belenenses deveria voar, logo de manhã, em avião privado e regressaria à noite, depois do jogo. Os dólares prometidos eram irrecusáveis.

Scopelli sabia que estava a ser consultado, apenas, por gentileza. No fundo, a decisão já estava tomada.

Dois dias depois, saímos de madrugada do motel à beira da estrada onde a equipa se hospedava em sã convivência com habitantes de curta frequência. No aeroporto, esperava-nos um velho Dakota, cor de folha de alumínio, dos tempos da Segunda Guerra Mundial. Era um avião estranho, com dois motores a hélice da Rolls-Royce, o que nos deixava um pouco mais tranquilos, janelas largas, como se fosse um cacilheiro do Tejo, e, o mais

surpreendente, um chão inclinado, subindo, como se fosse uma ladeira, da cauda para o focinho.

Não tínhamos autonomia de voo para fazer a viagem directa. Sobrevoámos o lago Ontário e aterrámos em Buffalo. Um xerife, com estrela na camisa, como eu só tinha visto nos filmes de *cowboys*, veio ao avião para verificar os passaportes. Prosseguimos a viagem sem mais incidentes, mas o xerife avisara que as previsões meteorológicas para a noite eram as piores. Vinha aí uma tempestade terrível, e ventos que ganhavam a força de um furacão.

O jogo foi um fiasco. Caíam cataratas do Niágara dos céus e toda a gente tinha ficado em casa. O empresário, que era proprietário de uma conhecida casa de fados em New Bedford, chorava como uma criança, pedindo para o libertarem da promessa de pagamento dos cachês acordados. Nem os dirigentes do Guimarães, nem os do Belenenses, se mostraram sensibilizados. O empresário dizia que, se pagasse, ficava falido. Pedia que jogassem no dia seguinte, mas isso era impossível, porque o Belenenses ia ter outro jogo em Toronto. Uma cena teatral, de alta intensidade dramática, mas que só me parece ter comovido a mim.

O intervalo durou meia hora. Em parte, pelas esforçadas tentativas de convencimento do empresário, mas também porque era preciso esperar por alguma clemência do tempo. Era, porém, uma noite inclemente.

Dos homens e dos deuses.

Os últimos quarenta e cinco minutos foram ridículos. Todo o campo era um mar de água e a bola parecia uma bóia. Os jogadores sugeriam estranhas sombras em movimento, num assustador ritual satânico.

O regresso ao avião foi silencioso. No aeroporto, nenhum movimento. Ninguém levantava, nem aterrava. O comandante do Dakota avaliou a situação e informou que a torre desaconselhava veementemente a partida. Os dirigentes do Belenenses pressionaram. Diziam que a equipa tinha compromissos inadiáveis e que, se ficássemos em terra, a companhia teria de indemnizar o clube. Partimos. Todos percebíamos que, por muito dinheiro que estivesse em jogo, aquilo era uma estúpida irresponsabilidade.

Poucos minutos depois de levantarmos, o Dakota parecia uma pena de pássaro a voar ao sabor da ventania. Ninguém se mexia nas cadeiras, havia gritos assustadores e a única hospedeira do avião, também ela nascida por alturas da Segunda Guerra Mundial, estava branca como a cal.

Foi então que Alejandro Scopelli se levantou e, com uma calma aparente, mandou a hospedeira servir doses generosas de *whisky* aos passageiros. Grandes copos, quase cheios, para todos. A surpresa impôs-se ao medo. Acho que naquele momento até os abstémios (que não seriam muitos) beberam.

Já sobrevoávamos o Ontário e nos aproximávamos do aeroporto de Toronto quando se ouviu um enorme estrondo a bordo. As luzes do avião apagaram-se e o Dakota caiu em queda livre. Foram segundos. Pareceu uma eternidade. Quando se voltou a ouvir um forte roncar de motores e a luz regressou, muita gente se abraçava e chorava. Mas estávamos vivos e éramos, de facto, a imagem angustiante de náufragos sobreviventes.

Aterrámos em Toronto, saímos, enfim, do avião e a hospedeira contou-nos que tínhamos apanhado um rabo de furacão e que devíamos a vida ao notável sangue-frio e à experiência do piloto. Desci rapidamente as escadas para a pista e fugi dali o mais depressa que pude. Quando estava a sair do aeroporto, lembrei-me de que, na obsessão da fuga rápida, tinha deixado a máquina de escrever e o bloco de notas no avião. Levaram-me ao hangar e encontrei o comandante, que verificava eventuais danos no aparelho. Agradeci-lhe a vida. Ele olhou para mim com uma tranquilidade que me impressionou e disse-me apenas:

– Agradeça, antes, a Deus.

Joaquim Meirim

Pobre de luxo

Na primeira vez que entrevistei o Joaquim Meirim, ainda estava na Universidade, a tirar o curso de Medicina, em Lisboa. Era apenas um miúdo que ganhava umas coroas (como então se dizia) para poder ter alguma autonomia juvenil e frequentar a animada noite do Bairro Alto.

O Aurélio Márcio, que era um fantástico captador de talentos no *Diário Popular*, leu uma entrevista precoce que eu publicara, foi ao encontro do meu pai na velha redacção d'*A Bola* – que, na altura, cabia com largueza no rés de chão direito do 23 da Travessa da Queimada – e perguntou-lhe se o miúdo não estaria interessado em ganhar uns dinheiros em colaborações para o *Popular*. Claro que estava. Fui ter com o Aurélio à redacção do jornal, na Luz Soriano, e saí de lá com enorme orgulho por me sentir, com manifesto e irresponsável exagero, camarada de grandes jornalistas como o Batista Bastos, o Ângelo Granja, o Ávila, o Dinis de Abreu, o Nuno Rocha, o Rego Chaves e muitos outros que marcavam a enorme qualidade do vespertino que tinha assinalado na parede o seu lema, com a vontade do futuro que não teve: «Venham as máquinas, que nós cá estamos».

O chefe da secção desportiva do *Popular* era o Viriato Mourão, um belo jornalista de banca, homem pachorrento e grande contador de histórias, que amava a noite e fazia parte activa de uma conhecida tertúlia na Mexicana, onde também pontuava Juca, ex-jogador e treinador de futebol, e o filho de um empresário, figura célebre no mundo dos lazeres e dos prazeres lisboetas, conhecido simplesmente como Marocas, que era pago pelo pai… para não ir à empresa desencaminhar empregadas e desestabilizar-lhe as finanças.

Nesses tempos, inícios dos anos 70, cada jornal tinha a sua própria escola de jornalismo e o Viriato Mourão era já então reconhecido como um dos melhores professores. Tinha, no entanto, uma séria incompatibilidade com os horários de um jornal diário que saía para a rua ao princípio da tarde. O Viriato chegava invariavelmente atrasado, ninguém podia falar com ele nas

primeiras horas da manhã e só conseguia acordar a partir das onze, depois de, sem pressas, tomar um pequeno-almoço generoso, já sentado à sua secretária, não se importando muito de molhar de café e manchar de manteiga alguns originais que, a custo, teriam de ser, depois, decifrados pelos linotipistas, os homens das letras do tempo do chumbo.

Um dia, o Aurélio ligou-me para casa e deixou recado para eu ir no dia seguinte, de manhã, ao Restelo, entrevistar o Joaquim Meirim, que era o treinador do Belenenses e estava na crista da onda da popularidade nacional. O Meirim era o mago dos treinadores. O primeiro homem a usar todo o tipo de *mind games* para incentivar os seus jogadores. Por vezes, entusiasmava-se tanto com a sua técnica, que se excedia, como aconteceu no dia em que tentou motivar o guarda-redes Vítor Cabral dizendo-lhe que ele era o melhor guarda-redes da Europa. O pobre do Vítor Cabral, nessa época, nem era titular na equipa do Varzim, treinada precisamente pelo homem que tanto o elogiava. E foi precisamente esse facto que o elogiado lembrou ao treinador, perguntando-lhe humildemente:

– O mister acha que eu sou o melhor guarda-redes da Europa, mas nem sequer me põe a jogar no Varzim?

Joaquim Meirim não se impressionou com a evidência da pergunta e respondeu-lhe sem, sequer, esboçar um sorriso:

– Meu caro, tu és, de facto, um homem com azar, porque tens aqui, no Varzim, à tua frente, o Benje, e esse é, actualmente, o melhor guarda-redes do mundo.

Fiquei sem um pingo de sangue quando me avisaram de que tinha de entrevistar o homem de quem todo o país falava. Dormi muito pouco. No dia seguinte, fui quase de madrugada para o Restelo e preparei-me psicologicamente para derrotar um dos maiores fantasmas dos jovens jornalistas: a timidez.

A entrevista correu muito bem. O Meirim era sempre muito amistoso e nunca se esquecia de nos oferecer uma ou duas frases que dessem título de primeira página. Podia ser entrevistado, no mesmo dia, por dez jornalistas, mas ele próprio cuidava que nenhum ficasse desiludido com a matéria da entrevista. Tinha um inusitado sentido jornalístico, sabia perfeitamente o que, no dia seguinte, cada um dos jornais iria trazer como título. Era natural, porque, na verdade, era ele quem os fabricava, não sei se de forma premeditada, se de uma maneira simplesmente instintiva.

Nesse ano, em que por ironia do destino Meirim acabaria por ser despedido do Belenenses e substituído por uma dupla improvável, que incluía o meu pai como secretário técnico e o Mourinho Félix, pai do José Mourinho, como jogador e treinador de campo, o Belenenses iria passar de um clube mediaticamente grande, falado todos os dias nos jornais por responsabilidade do seu imaginativo treinador, para um emblema à beira da descida de divisão, acabando por se salvar nos últimos jogos, por ação quase milagreira de uma dupla formada por um jornalista d'*A Bola* e um guarda-redes no activo.

Anos mais tarde, o Joaquim Meirim tinha caído em desgraça. A sua vida pessoal não corria bem, viu-se mergulhado num caos de dívidas e de processos judiciais, de todos os lados aparecia a público gente para desancar no homem e no seu carácter. Pior é que no futebol, como na vida, Meirim era, então, um treinador sem crédito.

Nessa altura, eu já estava n'*A Bola*. Numa madrugada, o Vítor Santos chamou-me à sua enorme secretária de tampo em harmónio e pediu-me para eu contactar o Meirim para lhe fazer uma entrevista de vida e para o «ressuscitar» naquele tempo de angústia e esquecimento.

O Vítor Santos queria trazer o Meirim de volta ao futebol ou, pelo menos, evitar que ele fosse definitivamente esquecido pelo mundo sem memória do desporto-rei. Uma entrevista n'*A Bola* era uma grande oportunidade para o encontrar uma solução para a sua vida caída em desgraça. Fui, no entanto, avisado:

– Não o deixes pagar nem um café. Se for necessário, vai buscá-lo no teu automóvel, que ele nem dinheiro tem para a gasolina. Convida-o para almoçar no Altis, para ele se sentir como nos bons velhos tempos. Não te preocupes com nada, tudo o que ele pedir é o jornal que paga.

Não foi difícil conseguir o contacto. Conhecia amigos comuns que mantinham com ele uma boa relação. Falei-lhe e combinei o almoço no Altis. Meirim não só não quis que o fosse buscar, como pareceu pouco empolgado com a entrevista que nós achávamos supostamente salvadora e, por isso, digna dos maiores agradecimentos.

Entrámos, por coincidência, um atrás do outro na garagem do Altis. Eu ia no meu carrinho utilitário de jovem jornalista. Meirim ia no seu Jaguar,

brilhante como se tivesse saído do *stand*, novinho em folha. Sabia que aquele carro já tinha uns anos, porque Meirim tinha-o comprado poucos depois de saber que Pedroto tinha um igual. Não quis ficar atrás. Era uma questão de honra e de imagem, o que para Meirim era uma e a mesma coisa.

Quando saiu do Jaguar, veio logo ter comigo de braços abertos e sorriso largo. Vestia um fato cinzento, caríssimo, que lhe assentava como num manequim. Trazia uma gravata de seda, com um nó irrepreensível. Uma camisa com colarinhos da moda. Quem o visse e não o conhecesse pensaria tratar-se de um magnata grego.

A entrevista foi entusiasmante, como se esperava, mas ele nunca deixou transparecer a mais pequena ideia de estar a viver em dificuldade. Pelo contrário, tudo brilhava na sua vida, tudo estava exactamente como ele desejaria que estivesse e o futuro nunca fora tão risonho.

O Vítor Santos ficou espantado. «Não era isto que eu esperava», confessou-me, com uma indisfarçável desilusão na voz. E pior ficou quando lhe disse:

– O mais grave de tudo é que, quando fui pagar o almoço, o chefe de mesas do Altis disse-me que não estava autorizado a receber, porque o senhor Meirim tinha telefonado antes e fazia questão de que o almoço ficasse na sua conta-corrente.

Se Meirim pagou alguma vez essa conta? Talvez. À sua maneira. Afinal, sempre que entrava no Altis e almoçava ou jantava no restaurante do hotel, era, por si só, um excelente cartão de recomendação.

Meirim era um homem curioso. De uma criatividade apaixonante. Marcava a diferença colorida num Portugal cinzento e sem graça. A antítese da cultura salazarenta do Portugal pequenino, remediado e conformado daquela época.

Raras vezes me terei cruzado na vida com gente tão crente na sua realidade inventada, por essa ser bem melhor do que a que tinha para viver. Meirim tinha uma auto-estima do tamanho do mundo, achava, sinceramente, que seria capaz de revolucionar, primeiro, o futebol em Portugal e, depois, o futebol no mundo. Era fácil, para ele, ver-se a treinar o Real Madrid ou o Manchester United e achar que quem tinha mais a ganhar seriam esses históricos clubes.

Exercia um forte magnetismo sobre as pessoas com quem convivia, e cada jogador que treinava, apesar de não raras vezes ser sujeito a ideias bizarras do seu treinador, tinha por ele uma fortíssima admiração.

Às vezes, era visto como um «bruxo» à portuguesa. Quando estava a treinar o Varzim, foi, ainda no princípio da época, fazer um jogo às Antas, contra o todo-poderoso FC Porto. Era um daqueles jogos oficiais que antecediam o campeonato e serviam para as equipas prepararem o ano desportivo.

Nessa época, o Varzim tinha um lateral-direito chamado Pena, que teve carreira longa e atingiu alguma notoriedade no futebol nacional. Na manhã do jogo, Meirim chamou-o e disse-lhe o que iria acontecer nessa noite:

– Vamos ganhar por um a zero e tu vais marcar o golo, aos 89 minutos.

Pena coçou a cabeça. Era lateral-direito, portanto, nas Antas, não devia sequer conseguir passar do meio-campo; como é que iria conseguir marcar o golo da vitória? Mesmo que fosse possível aguentar o zero a zero, ninguém estaria autorizado a sair lá de trás.

Meirim terá percebido a dúvida no pensamento do seu jogador:

– O Porto vai experimentar um gajo novo no lado esquerdo da defesa, e ele vai querer fazer figura, brilhar na estreia, mas não tem ainda condições físicas para tanto. Acabará de rastos, e tu vais pelo lado dele, entras na área e marcas o golo da vitória.

O pobre Pena saiu daquele encontro premonitório com maior peso da responsabilidade. Era um simples defesa, não lhe bastava tentar ter sucesso a travar o forte ataque do Porto, ainda lhe pediam que fosse o herói do jogo.

E foi.

Por incrível que pareça, tudo se passou como Meirim tinha previsto. Não sei se Pena sentiu algum chamamento, se se lembrou da convicção improvável do seu treinador, mas aos 89 minutos de um jogo ainda empatado a zero, vivido pelo Varzim em grande aflição, ele lá foi por ali fora, como um «foguete» imparável, passou pelo «extinto» lateral-esquerdo do Porto, entrou na área e desviou a bola suavemente do alcance do guarda-redes, que já lhe saía aos pés.

José Maria Pedroto

O homem que queria ganhar sempre

Conheci o senhor Pedroto, como então o tratava, no Vitória de Setúbal. Tinha um sotaque portuense acentuado, uns óculos foscos de fundo de garrafa, um inseparável boné aos quadrados e, mesmo no balneário, era um fumador a tempo inteiro.

Nesses tempos do início dos anos 70, eu era um jovem e totalmente desconhecido jornalista e ele já um treinador consagrado, reconhecido por todo o país e a viver um momento de elogio consensual, porque o Vitória de Setúbal tinha uma excelente equipa e jogava, de facto, um futebol apaixonante.

Pedroto era já conhecido pela sua frontalidade. Por vezes, mostrava-se rude e agressivo para aqueles que marcava como seus inimigos. No futebol, como na vida, acho que nunca teve adversários. Tinha apenas amigos e inimigos. Ligava a ambos com a mesma intensidade. Na simpatia e no confronto.

Pedroto gostava de falar com gente jovem e eu beneficiei disso. Dizia que era, sempre, uma maneira fácil e agradável de aprender. Um dia, no Estádio do Bonfim, ficámos duas horas à conversa, no seu gabinete, sobre futebol juvenil. Confessou-me, nessa altura, ter uma enorme paixão pela formação e que continuava a trabalhar apaixonadamente num *dossier* dedicado ao futebol jovem, porque estava a pensar em liderar uma autêntica revolução nessa área do futebol, em Portugal.

Com dezenas de anos de avanço, Pedroto tinha a mais profunda convicção de que o crescimento do futebol português só se poderia fazer pela via da formação de um jogador novo, mais preparado para as exigências do profissionalismo, e que fosse capaz de apurar as características que mais o diferenciavam dos outros futebolistas europeus.

Não é difícil perceber por que razão Pedroto nunca acabaria por assumir em pleno esse projeto e esse seu sonho. Como homem, era tudo menos um romântico. Vivia a vida da maneira mais pragmática, tal como vivia o futebol. Queria ganhar. Ganhar sempre. E queria ser melhor do que os outros, para poder ganhar mais do que os outros.

Continuei a encontrar-me com Pedroto, mais tarde, quando ele já tinha regressado ao seu FC Porto, onde travou as batalhas mais duras e mais dramáticas, que incluiu a luta perdida pela sua própria vida.

Quando jogava nas Antas, o FC Porto fazia estágio no Hotel Batalha. Este era o hotel onde, na altura, também ficavam os jornalistas d'*A Bola* que iam de Lisboa para cobrir os jogos do Campeonato Nacional que se realizavam no Norte do país. Seguramente que, nesses anos, passei muito mais fins-de-semana no Porto do que em Lisboa.

Ia à quinta-feira no «foguete» e vinha na segunda de manhã, no comboio do meio-dia, ou, em alguns casos menos frequentes, regressava no avião de domingo à noite. Como *A Bola*, na altura, só tinha três edições por semana, acabava por ter, muitas vezes, os sábados livres, o que me deu oportunidade de conhecer de perto gente especialmente interessante da peculiar e muito especial sociedade portuense da época, e de conviver com ela. Em particular, jornalistas, escritores e actores de teatro. Gente notável, culta, interessante, que me fascinava pela diferença das suas vidas tão invulgares e intensas.

Na altura, eu era mesmo muito jovem e também tinha uma imensa paixão por conhecer melhor o mundo menos conhecido do futebol. Por isso, não me importava com o evidente cansaço físico de passar muitas noites e madrugadas a ver Pedroto jogar às cartas e a ouvi-lo conversar sobre tudo o que se podia falar nesta vida. Eram reuniões apaixonantes para um jovem curioso como eu e que envolviam outros jornalistas, dirigentes do FC Porto e diversas figuras ligadas à cultura e à vida social da cidade que, a pouco e pouco, fui aprendendo a conhecer mais profundamente e a admirar.

Em qualquer circunstância, Pedroto dominava as conversas, tal como acontecia sempre em qualquer momento, estivesse com quem estivesse. Nunca deixava de ser o líder do lugar onde estava. Nesse aspeto, lembrava-me muito o Vítor Santos e, talvez por isso, por esse confronto de personalidades e de marcação de espaços de liderança, Pedroto não era um homem particularmente querido do mítico chefe de redacção d'*A Bola*, também ele uma figura culturalmente fascinante.

Apesar daquela secreta animosidade, Vítor Santos sempre se alegrava quando Pedroto escolhia o jornal *A Bola* para dar as suas melhores e mais polémicas entrevistas. Dava-lhe todo o espaço nobre do jornal, incluindo a manchete da enorme primeira página. No dia em que uma entrevista de Pedroto saía n'*A Bola*, a polémica estava instalada em todo o país.

Não havia, na altura, debates televisivos sobre as questões desportivas, aliás desvalorizadas e desconsideradas por uma intelectualidade decadente de um jornalismo fidelizado à imobilidade afecta aos interesses do regime ou demasiado preocupada com os «assuntos de maior gravidade nacional», mas não existia nenhum café, tertúlia ou restaurante de Portugal que não tivesse gente a discutir acesamente as entrevistas de Pedroto.

É espantoso pensarmos que, nos anos 70 e 80 do século xx, Pedroto já tinha uma estratégia brilhante sobre o aproveitamento mediático de um jornal nacional, como *A Bola*. Falava ao *Jornal de Notícias* quando definia a importância de se ligar a uma audiência mais regional, e falava a *A Bola* para fazer chegar a todo o país as suas mensagens fortes e frontais contra o centralismo de Lisboa, ou, mesmo, quando precisava de marcar, em Portugal, uma posição interna na liderança do FC Porto.

Eu admirava Pedroto. Ainda hoje o admiro. Mesmo quando ele foi brutal, cruel e até injustamente agressivo para com Mário Wilson, quando se aproveitou, sem dó nem piedade, da humanidade do *Velho Capitão* para lhe lançar um feroz ataque pessoal, não consegui deixar de admitir a imensa força telúrica daquele transmontano que, tão diferente da esmagadora maioria dos portugueses, conseguia ser suficientemente insensível e imperturbável quando se tratava de ganhar uma batalha, fosse ela no âmbito do poder no FC Porto, fosse no domínio das estruturas do futebol português, fosse num simples jogo de bola.

Pedroto era, sem dúvida, um mestre na arte da guerra. Um general implacável. Para ele, a conquista era um fim tão essencial e decisivo, que justificava qualquer meio. Não era, pois, um «bom homem», no sentido do escrupuloso respeito cristão pelos sagrados mandamentos da lei de Deus. Porém, não havia quem, como ele, apreciasse tanto a lealdade, valorizasse tanto a inteligência e a esperteza, desse tanta importância ao conhecimento do novo.

Era, também, um homem perspicaz. Ao contrário de muitos dos treinadores que hoje, como antes, estão acomodados nos sucessos conseguidos, Pedroto percebia a decisiva importância de se actualizar em permanência. Estudava o que melhor se fazia cá dentro e lá fora em matéria de treino e por isso chamou homens como Hernâni Gonçalves, João Mota, José Neto e, por fim, Artur Jorge para perto de si. Queria aprender tudo o que era novidade e sabia que Artur Jorge trazia, do seu curso em Leipzig, conhecimentos importantes sobre o treino de campeões e sobre os segredos de

sucesso do desporto na gélida RDA. A equipa técnica de Pedroto no Vitória de Guimarães, então liderado por um jovem e enérgico presidente, António Pimenta Machado, parecia trabalhar num laboratório de experiências complexas e diversas com o objectivo de um treino novo no futebol português, que não se implicava, necessariamente, com a ética desportiva.

Mas Pedroto conhecia o tempo em que vivia, os vícios de uma sociedade hipócrita. Como todos os homens cultos, também era um homem de humor. Um dia, acompanhei o FC Porto numa jornada europeia na Bélgica. Foi, aliás, um dos piores resultados de sempre do currículo do treinador do FC Porto, que perderia, em Bruxelas, com o Anderlecht, por concludentes 4-0.

O jogo contava para a Taça UEFA e os belgas tinham, nessa época de 1982/83, uma equipa excepcional, com Lozano, Vercauteren, Olsen. Eram treinados por Van Himst e, aos 15 minutos de jogo, já venciam por 3-0, arrastando, numa ventania de futebol atacante, a desorientada equipa portista, que, nesse ano, até tinha jogadores de qualidade, como Inácio, Rodolfo, Frasco, Sousa ou Fernando Gomes.

Na véspera do jogo, Pedroto ocupava o seu tempo, depois do treino, como quase sempre, fumando, conversando e jogando às cartas. Os jornalistas que acompanhavam a equipa viajavam no mesmo autocarro dos jogadores e ficavam no mesmo hotel. Era como se fizessem parte do grupo e Pedroto nunca sentiu qualquer problema com isso. Pelo contrário, aproveitava para falar sobre futebol com os jornalistas e pregar algumas partidas aos mais ingénuos.

Havia no grupo um conhecido jornalista de rádio que era um dos alvos preferidos de Pedroto. O homem tinha viajado com a família e fazia da maior parte do tempo uma visita turística à cidade, impressionando-se menos com a Grand Place e mais com o elevado preço das refeições e com a pequena quantidade das doses, em restaurantes tão diferentes daqueles que frequentava no Porto.

Pedroto ouviu-o em silêncio, depois chamou-o para se sentar a seu lado. Continuava a prestar atenção ao jogo, mas inclinou-se e segredou-lhe que tinha combinado com o chefe do hotel, que era português, uma soberba bacalhauzada. Tinha todo o gosto em convidá-lo; melhor, não era preciso pagar nada. Podia, enfim, comer como se estivesse na sua cidade, mas havia um pequeno problema: a ceia teria de ser tardia. Nunca antes das três da madrugada, depois da hora em que o cozinheiro terminava o seu horário de trabalho.

O convidado sentiu-se honrado, para mais sendo um convite do senhor Pedroto, e logo bacalhau, de que ele gostava tanto. E a esposa, poderia ir?... Não?… Pois, era evidente, seria uma coisa só de homens e não iria ficar bem. Que não havia problema, conseguia explicar-se à família. Prometeu não faltar e agradeceu em vénias sucessivas e olhos gulosos.

Pela madrugada, a mesa de Pedroto estava, como sempre, coberta de fumo e de conversas cortadas pelo som das cartas a bater no tampo de madeira. Havia, como se estivéssemos no Batalha, um pequeno grupo de admiradores e servos da gleba prontos a anuir às opiniões do mestre e a elogiá-lo como a um deus grego. Como sempre, Pedroto dominava a cena. Às vezes, chegavam os noctívagos, os homens das aventuras nocturnas, que traziam novidades da vida mais escondida de Bruxelas, alguns, gabarolas encartados, contando histórias improváveis das estrangeiras sempre extasiadas com portugueses marialvas. Pedroto ouvia, divertido. O cigarro a encurvar-se em cinza, os olhos, por detrás dos óculos, semicerrados pela lonjura da noite.

Já estávamos perto das quatro da manhã, quando o homem da rádio, tímido e sumido de voz, perguntou:

– Mas, senhor Pedroto, acha que o bacalhau ainda demora muito?

Fez-se um silêncio de convento. Pedroto levantou a cabeça e abriu mais os olhos. Já nem se lembrava que tinha pregado aquela partida ao homem que se queixava de comer pouco e pagar muito. Em redor, a maioria nem sabia o que se passava e achava, simplesmente, que era uma pergunta estúpida e despropositada. Que bacalhau? Às quatro da manhã e em Bruxelas?

Todos olhavam para Pedroto e esperavam pela resposta. O homem da rádio era, obviamente, o mais ansioso. E foi então que Pedroto sentenciou:

– É verdade, esqueci-me de lhe dizer. O chefe da cozinha veio pedir desculpa, mas o dono do hotel não consentia que ele fizesse comida portuguesa. Acho que ele pensou que era um desrespeito à cozinha belga, veja lá a besta. Não, amigo, infelizmente, o nosso bacalhau vai ter mesmo de ficar adiado para o Porto.

O homem da rádio ficou lívido. Quase não tinha jantado e, mesmo assim, tinha achado caro o pouco que comera. Estava cheio de fome. Agora até nem se importaria de pagar o que fosse preciso, mas àquela hora não havia nada aberto, Bruxelas dormia a sono solto. Foi então que reparou que estava a ser observado por todos. Alguns disfarçavam mal o riso. Rapidamente reagiu. Pediu respeitosamente desculpa ao mestre e autorização para se ausentar, que ia regressar ao quarto, a mulher até já devia estranhar.

Pedroto limitou-se a fazer um gesto de compreensão e de clemência. Depois, impávido, deitou uma nova carta para a mesa.

Chamava-se «Ricardina» o famoso jogo de cartas que Pedroto mais gostava de jogar. Acho que era apenas porque tinha sido ele o grande criador e todos pareciam adorar aquele jogo, porque ninguém se atreveria a não adorar um jogo inventado pelo senhor Pedroto.

Por vezes, como observador frequente e atento daquela corte, via Pedroto como o Marlon Brando no papel de um «padrinho» do século XX. O poder dava-lhe prazer. A influência sobre os outros dava-lhe gozo. Gostava, por isso, de ser dominador, mas protector. Nunca deixava um amigo para trás. Nunca consentia, sem a mais dura luta, que um inimigo estivesse à sua frente.

Quando Pedroto morreu, apenas com 56 anos, não resistindo a um cancro que lhe fora pela primeira vez detectado pelo histórico enfermeiro do FC Porto Vítor Hugo, os portistas já tinham chegado à sua primeira final europeia, então orientados pelo seu adjunto António Morais, que, aliás, viria também a morrer precocemente num trágico acidente de viação a caminho de férias no Hotel Montechoro, no Algarve.

Senti sincera tristeza pela morte do mestre e do homem que nunca consegui deixar de admirar, apesar de tão grande diferença na maneira de sermos e de estarmos na vida.

É verdade que Pedroto foi um homem essencial ao desenvolvimento do futebol português. É verdade que foi o grande criador da «alma portista», um líder desportivo, social e político. E é verdade que foi nele que Pinto da Costa sempre se inspirou, tentando, tanto quanto lhe foi possível, imitar o seu inesquecível mestre, aprender com ele.

Fernando Vaz

Os ciúmes de Sofia

Fernando Vaz foi o discípulo predilecto de Cândido de Oliveira. Talvez porque, como ele, fosse casapiano e tivesse sido na velha Casa Pia que cresceu, estudou e se tornou um homem do futebol e da cultura, tendo por grande amigo o José do Carmo, um belenense, também apaixonado pelo futebol, conhecido em Belém pela alcunha *Cara Linda*.

Nos finais dos anos 40, Cândido via o jornal *A Bola* a consolidar-se no gosto popular. Porém, ao que se dizia, não morria de amores por Vítor Santos, embora sempre tivesse manifestado admiração profissional por aquele que viria a ser o mítico chefe de redacção d'*A Bola*.

Cândido preferia Fernando Vaz para conduzir o jornal; nomeou-o, por isso, chefe de redacção, mas o futebol começara a ganhar, em Portugal, uma dimensão que aconselhava o profissionalismo a sério e já não permitia a um treinador de futebol ter um pé num jornal e outro no campo de jogo.

Vaz optou por ser treinador profissional e isso afastou-o, anos e anos, da Travessa da Queimada, a sede d'*A Bola*, abrindo todo o espaço à liderança de Vítor Santos, que, sobretudo depois da morte de Cândido de Oliveira, em 1958, se tornaria indiscutível e essencial ao histórico crescimento do jornal.

O futebol também ficou a ganhar com a escolha. Fernando Vaz foi fiel ao que aprendeu com o seu mestre, que o levara até à Selecção Nacional, e desenvolveu um estilo de futebol português de carácter acentuadamente técnico, assente numa curta e rápida circulação de bola, com os jogadores perto uns dos outros, sem grandes correrias, porque, ao tempo, se considerava que o jogador português, que «não estava habituado a comer bifes antes de adulto», nunca seria capaz de competir com o futebol inglês ou do Centro da Europa, onde os jogadores eram essencialmente físicos e tinham uma resistência aparentemente inesgotável.

Esse futebol trabalhado e minucioso, quase feito uma renda de bilros em campo de relva, foi, aliás, assumido por toda uma geração de treinadores portugueses, que beberam o essencial do estudo e da prática de Cândido de Oliveira.

Pedroto, sobretudo numa fase mais adiantada do seu currículo, terá sido o que mais se atreveu a «esticar o jogo», mas Mário Wilson e Fernando Vaz foram treinadores sempre vinculados à base de aprendizagem do futebol «reinventado» por Cândido para o tipo morfológico do jogador português.

O Belenenses, no início dos anos 50, foi o primeiro clube que Fernando Vaz dirigiu com total autonomia na liderança técnica. Foi nessa altura que ele se tornou um grande e sólido amigo do meu pai e de toda a família.

Vaz morava com a mulher numa vivenda, no Montijo. Lembro-me de, ainda miúdo, lá ter ido jantar com o meu pai e com a minha mãe e de ter adormecido num sofá, porque Fernando Vaz ficou até alta madrugada à conversa. No regresso a Lisboa, o meu pai, que já escrevia n'*A Bola* como colaborador e trabalhava a tempo inteiro nos escritórios da Companhia Carris, onde entrava às nove da manhã, acelerou o carro para tentar ganhar mais uma meia hora de sono. Infelizmente, a polícia de trânsito estava à beira da estrada a controlar noctívagos apressados.

Foi com Fernando Vaz que eu assisti ao meu primeiro jogo de futebol oficial num banco dos suplentes, junto à relva. Aconteceu em Alvalade, num jogo de reservas entre o Sporting e o Belenenses. Vaz treinava os *azuis* e, como o jogo era de segundas categorias, não havia qualquer controlo.

Nesse tempo, em Alvalade, o banco dos treinadores ficava em zonas recuadas da baliza sul. Cada equipa do seu lado da baliza. Como era um miúdo, bem me esticava, mas só conseguia ver metade do campo. A metade entre a linha de meio-campo e a baliza sul. Detestei estar ali tão perto e não conseguir ver o jogo, mas pude descobrir o fascínio do pormenor, do drible, do toque, do som quase íntimo da bota a bater na bola e das palavras asneirentas que já tinha ouvido aos miúdos das ruas de Belém e da Ajuda, mas que a minha mãe me proibia de repetir.

Com o tempo, o trabalho e os resultados, Fernando Vaz ganhou dimensão e prestígio. Andou, com assinalável sucesso, por vários clubes, até ser campeão, no Sporting, na época de 69/70. Vaz tinha, então, a novidade de contar na equipa técnica com um homem especialmente dedicado ao treino. Era um professor de Educação Física do INEF. Chamava-se Mário Moniz Pereira e era o homem que haveria de revolucionar o atletismo português e dar a Portugal medalhas olímpicas e títulos europeus e mundiais.

Na fase final da sua vida, quando a estrela de treinador empalideceu, Fernando Vaz regressou ao seu jornal. Era um homem respeitado no

universo complexo e fechado do futebol. Uma das suas últimas passagens por clubes tinha sido pela Madeira, no Marítimo. Vaz, que sempre fora um fantástico conversador, fazia aos seus jogadores palestras tão longas, antes das partidas, que não raras vezes tinham de o avisar de que estavam em sério risco de chegar atrasados ao jogo. Muitas dessas conversas começavam relacionadas com o futebol, com o adversário, com uma ideia de um modelo para a equipa, mas rapidamente fugiam da realidade concreta do jogo, passavam para as coisas comuns da vida, da história dos povos, da cultura universal. Muitos jogadores de Vaz, pouco sensibilizados para as lições de sapiência do treinador, queixavam-se de um profundo tédio e de uma enorme vontade de adormecer nessas palestras.

A verdade é que, na altura, Fernando Vaz já tinha perdido o sentido da realidade e sobretudo do pragmatismo, mas também se sabe que uma equipa de futebol é sempre um mundo que tanto admite a solidariedade, como fomenta a crueldade.

Não raras vezes, eram cruéis os gozos e as anedotas que se contavam sobre o velho treinador, então com a saúde mais debilitada, consumidor desenfreado de antibióticos, que tomava, por fortes ou fracos motivos, com aguardentes e conhaques.

O seu afastamento do futebol, do ambiente do jogo e da liderança das equipas, perturbou-o e entristeceu-o. Encontrou, porém, uma saída airosa no regresso ao jornal *A Bola*, onde, convidado por Vítor Santos, passou, essencialmente, a escrever crónicas de futebol. Fernando Vaz voltava, assim, ao mundo fascinante do jogo, do qual, até ao fim da vida, nunca conseguiu afastar-se.

Escrevia sempre com um cigarro aceso, puxando longamente o fumo, mas num vagar quase contemplativo. As suas crónicas eram enriquecedoras. As suas conversas, nos momentos de maior acalmia da redacção, também. Porque escrevia e falava bem e porque sabia muito de futebol, dos segredos do jogo e dos muitos fantásticos episódios que tinha vivido.

Não tenho dúvidas em dizer que essa foi uma fase de renovada felicidade do velho treinador. Via jogos de futebol por todos os campos do país. Fazia equipa com os jovens jornalistas da casa e, uma noite, quando regressávamos ambos do Norte, num voo Porto-Lisboa, conversámos longamente. Continuava a ser um grande contador de histórias e tinha tantas e tão boas, que pareciam inesgotáveis. Era fascinante ouvi-lo. Porém, estava a ficar física e mentalmente debilitado. A sua mulher, Emília Sofia, preocupava-se

naturalmente com o seu estado de saúde e, por isso, decidira ir buscá-lo ao aeroporto. Estava uma noite invernosa. Muito fria e com chuva.

Saímos do avião. Não levávamos bagagem para recolher e dirigimo-nos logo à saída, porque ainda tínhamos de passar pelo jornal e entregar a crónica escrita no restaurante do aeroporto de Pedras Rubras, enquanto esperávamos pela saída do avião. Já perto da porta (nessa altura, saía-se da Portela pela mesma porta em que se entrava), o Fernando Vaz parou, estupefacto com a presença da mulher. A senhora dirigiu-se para ele, sorridente e amável. Fernando Vaz olhou-a de forma severa e, visivelmente irritado, disse-lhe com uma frieza de arrepiar:

– Ó Emília Sofia, por amor de Deus, depois de todos estes anos é que resolveste ser ciumenta?

A senhora ficou gelada. Explicou-lhe que estava mau tempo, que a saúde dele não andava bem, tossia, os pulmões, o tabaco, enfim, tudo o que era de mais óbvio. Fernando Vaz não se convenceu, ou não quis que eu visse que ele estava, de facto, muito debilitado.

Morreria poucos meses depois, após uma crónica de um jogo do Belenenses, no Restelo. Nunca se queixou de dores ou de qualquer indisposição, apesar de ter escrito uma crónica de jogo demasiado curta e sem grande nexo, que teve de ser emendada e editada na redacção.

Quando essa crónica saiu para a rua, assinada com o seu nome, Fernando Vaz já estava morto.

Um ataque fulminante de um coração cansado.

Mário Wilson

Um suspeito em Frankfurt

Ao longo da sua longa e benigna vida, Mário Wilson viria a tornar-se num amigo da família. Quando esteve no Belenenses, o meu primo Egídio, que era director do futebol profissional do clube, adoptou-o como um dos seus melhores companheiros. O Egídio era um noctívago, encontrava muitas vezes o Vítor Santos, o chefe de redacção d'*A Bola*, pelas madrugadas dos bares da boémia lisboeta. Bebiam *whiskies* juntos, trocavam piadas da época e o Egídio, que tinha um humor que lhe teria chegado e sobrado para fazer uma popular e proveitosa carreira no Parque Mayer, contava sempre com entusiasmo que, numa alta madrugada, o Vítor Santos lhe confessara gostar muito mais da noite do que do dia. «Além de todos os prazeres que nos proporciona, a noite nem tem moscas» – terá concluído o Vítor Santos.

Mário Wilson, tal como o meu pai, era um companheiro gastronómico do Egídio. Iam muitas vezes almoçar à Trafaria e à Costa da Caparica, tendo sempre o cuidado prévio de escolher restaurantes belenenses e que não se incomodassem com clientes tardios e demorados.

O tempo. Saber coser a vida com o tempo foi sempre algo que definiu e diferenciou Mário Wilson de todos os outros treinadores que eu conheci. O tempo, no sentido de o respeitar, de o saber aproveitar e de nunca o apressar. Mário Wilson foi sempre um homem que dominou o tempo e que nunca deixou que o tempo dele tomasse conta.

Um porte físico que impressionava, uma forma de conversar cativante, embora quase indolente, num ritmo marcado de pausas e de vagares, Mário Wilson era um homem fortemente marcado por uma cultura afro-britânica, que lhe fora transmitida por uma invulgar educação familiar, em Moçambique. Uma personalidade rara, que sabia juntar, como ninguém, a fleuma e a sabedoria. Para isso, precisava do tempo necessário para as pensar e usar com a mais equilibrada proporção.

Nunca conheci ninguém, no futebol e fora dele, que vivesse a vida, essa vida inteira, pessoal e profissional, com tanto respeito pelo espaço e pelo

tempo. Para Mário Wilson, esse seu tempo e esse seu espaço eram tão preciosos como o ar que respirava. Sem eles, não conseguiria viver.

Ora, conhecendo, como eu conhecia, nessa época, a realidade informal da vida dos jogadores da bola, muitas vezes me interrogava como era possível a Mário Wilson impor a sua personalidade, e a sua forma coloquial de viver com tudo e com todos, no mundo-selva do futebol.

A verdade é que os jogadores o ouviam e respeitavam. Talvez pelo timbre alto e sonoro da sua voz. No Benfica, na Académica, no Belenenses, na Selecção Nacional. Mário Wilson era um pai-velho, no sentido africano do termo. Um homem que se fazia respeitar pelo exemplo e pela decência. Um homem original e, por isso, interessante. Contemplativo e sedutor. Com Mário Wilson, o futebolista, mesmo o mais bronco, como o que achava que um jogo de futebol era sempre uma «faca de dois legumes», tinha a noção de que aprendia o futebol, mas também a vida. Era um mestre que ensinava falando, natural e refrescante como uma árvore frondosa em dia de sol de Verão. Entusiástico e emotivo nas expressões, às vezes cheias de um humor inteligente. Aqui e ali, no meio de uma planície de frases ditas com aparente sonolência, o pico de uma voz estrondosa capaz de surpreender e iluminar.

Mário Wilson sempre se assumiu como um dos discípulos de Cândido de Oliveira. O fundador d'*A Bola* fora seu inesquecível mestre no conceito essencial de que o futebol, sozinho, não prestava para coisa alguma, mas vivido como uma das áreas da cultura e reconhecido no amplo universo da sociedade era das mais belas manifestações que o Homem alguma vez tinha produzido ao longo da história.

Nessa altura, eu ia muitas vezes fazer reportagens e entrevistas a Coimbra e ficava fascinado com a sabedoria dos homens da velha Académica. Ouvia-os a falar de Torga e de outros grandes vultos da cultura portuguesa, seus companheiros de tertúlias de cafés. De facto, nesses anos, os homens da Académica faziam a diferença no futebol pasmado de um Portugal a preto-e-branco.

Mário Wilson bebeu muito daquele seu imenso conhecimento e da sua dimensão humana nessa Académica cosida de valores e tradição com a velha academia. A universidade e o clube viviam uma mesma identidade cultural e não se viam a viver uma sem o outro.

Fiz muitas entrevistas a Mário Wilson ao longo da minha vida profissional. Numa delas, estava o *Capitão* a treinar a Académica e tinha por seu adjunto e discípulo o Vítor Manuel, hoje grande amigo meu e do jornal *A Bola*, tal

como o seu mestre, homem de Coimbra e seguidor convicto de uma filosofia que impõe, em qualquer circunstância, a humanização do futebol.

Mário Wilson atendeu o meu telefonema com a serenidade e a bonomia de sempre. Aceitou o desafio da conversa pública, mas propôs-me um dia inteiro de trabalho. Começaria com um encontro na Figueira da Foz, num café com vista de mar, continuaria, depois, num almoço para os lados de Cantanhede e terminaria em Coimbra. Outra condição: levaria consigo o Vítor Manuel.

E assim foi. Ao fim da manhã estávamos num simpático café de Buarcos, virado às ondas atlânticas, falando um pouco de futebol e um muito da vida. Já horas avantajadas para o almoço, segui-o de carro, a caminho de um restaurante que, na altura, ainda me era desconhecido. Tornar-se-ia famoso e chamava-se Marquês de Marialva.

Mário Wilson perguntou-me se podia escolher o menu, disse logo que sim, o *Capitão* era também famoso pelo prazer de comer bem. Chamou o empregado e pediu-lhe uma colheita especial de um Bairrada absolutamente divino. A pouco e pouco foram chegando travessas e mais travessas de queijos, presuntos, enchidos e todo o género de iguarias, que bem podiam ir à mesa do rei. Tinham a particularidade de assentar em largas folhas de viçosas couves e tudo aquilo parecia irrecusável.

Comemos, bebemos e conversámos da mesma forma farta e alegre, durante horas. Por fim, o Mário Wilson fez um aceno quase displicente ao empregado. Pensava que ia pedir a conta, mas puxou-lhe ligeiramente a manga do casaco e, com um sorriso sorrateiro, pediu-lhe: «Agora, amigo, traga-me tudo outra vez, mas assado nas brasas».

A conversa estender-se-ia noite fora, em Coimbra, em estado de animação geral, e a entrevista assim tratada e produzida ganhou outros encantos.

Anos mais tarde, estava Mário Wilson no Benfica, acompanhei a equipa, como enviado especial d'*A Bola* a um torneio na Alemanha, em Gelsenkirchen.

Nesse tempo, os jornalistas viajavam nos aviões com as equipas de futebol, seguiam com elas nos mesmos autocarros e ficavam nos mesmos hotéis.

Eu usava um cabelo volumoso, tipo Jimi Hendrix, e bigode farto, de acordo com a moda da época nos inconformados dos regimes insensíveis à natureza humana. À chegada a Frankfurt mostrei o meu passaporte, o polícia olhou-me com aquela autoridade germânica que é feita de uma insuportável atitude de superioridade da raça e ordenou-me que esperasse. E eu esperei. Cinco, dez, quinze minutos e, depois, meia hora, quase uma hora...

Toda a comitiva do Benfica já tinha saído do aeroporto há imenso tempo e eu ali continuava, sem mais informações, à espera de não sei o quê, o polícia desaparecido com o meu passaporte, gente que chegava e passava o controlo sem qualquer problema. Não entendia o que se passava e tomei a decisão de não tolerar por mais tempo a maneira como estava a ser tratado. Gritei, bati com estrondo o punho no balcão do controlo de passaportes, vieram polícias afogueados e agressivos, levaram-me para uma sala, gritaram-me em alemão, eu gritei-lhes em inglês, gerou-se uma confusão enorme, já ninguém ouvia ninguém, até que chegou um polícia com patente superior, encostou-me o passaporte ao peito e, com ar ameaçador, ordenou-me, em inglês, que me calasse e fosse dali para fora.

Quando passei, enfim, o controlo dos passaportes, vi, estampadas na parede, fotografias enormes de militantes do grupo terrorista Baden Main Hoff, o exército vermelho que nesses anos 80 aterrorizava toda a Alemanha. De facto, havia ali muita gente parecida comigo…

Fui apanhar a mala, que há tanto tempo rolava insistentemente em círculos na passadeira das bagagens, e comecei a planear a viagem solitária para Gelsenkirchen. Saí a porta do aeroporto, procurei o que se parecesse com uma zona de paragem de autocarros, e foi quando, surpreendentemente, ouvi uma voz portuguesa a chamar-me. Era um conhecido funcionário do Benfica, que me vinha indicar o caminho. Toda a equipa ainda esperava por mim no autocarro, por ordem de Mário Wilson.

Dirigi-me ao treinador, contei-lhe rapidamente a história da alfândega e agradeci-lhe a cortesia. Disse-lhe, com toda a sinceridade, que não teria levado a mal se já tivessem partido, porque a espera fora longa e os jogadores precisavam de descansar. Mário Wilson deu-me uma palmada nas costas e falou alto, para que todos o pudessem ouvir: «Quando viajamos no mesmo grupo, todos fazemos parte da mesma equipa e ninguém pode ser deixado para trás».

Tal como Pedroto foi um mestre que deixou a sua herança portista a Pinto da Costa, Mário Wilson foi um mestre que deixou a sua herança de uma muito especial cultura humanista do futebol a diversos treinadores portugueses, como Vítor Manuel ou Toni.

Parece-me ser de fundamental importância histórica assinalar como estes homens, cultural e temperamentalmente tão diferentes, foram essenciais ao crescimento do futebol em Portugal, deixando influências que se fizeram sentir nas gerações seguintes.

Em alguns casos, até capazes de partilhar influências, coisa que nunca poderiam prever.

Henrique Calisto será, a meu ver, um interessante exemplo de uma ligação intensa e partilhada dos ensinamentos dos dois mestres. Forte, directo, pragmático no sentido da liderança e até do comprometimento com uma cultura do Norte, talvez mais dura, mas não menos cristalina, como Pedroto. Porém, com o entendimento muito claro de que antes de tudo, num jogo de futebol, está o homem e as suas realidades concretas, como também era defendido por Mário Wilson.

Julgo que se corria sério risco de chegarmos a novas gerações no desconhecimento real desta «árvore genealógica» do futebol português. Seria historicamente trágico.